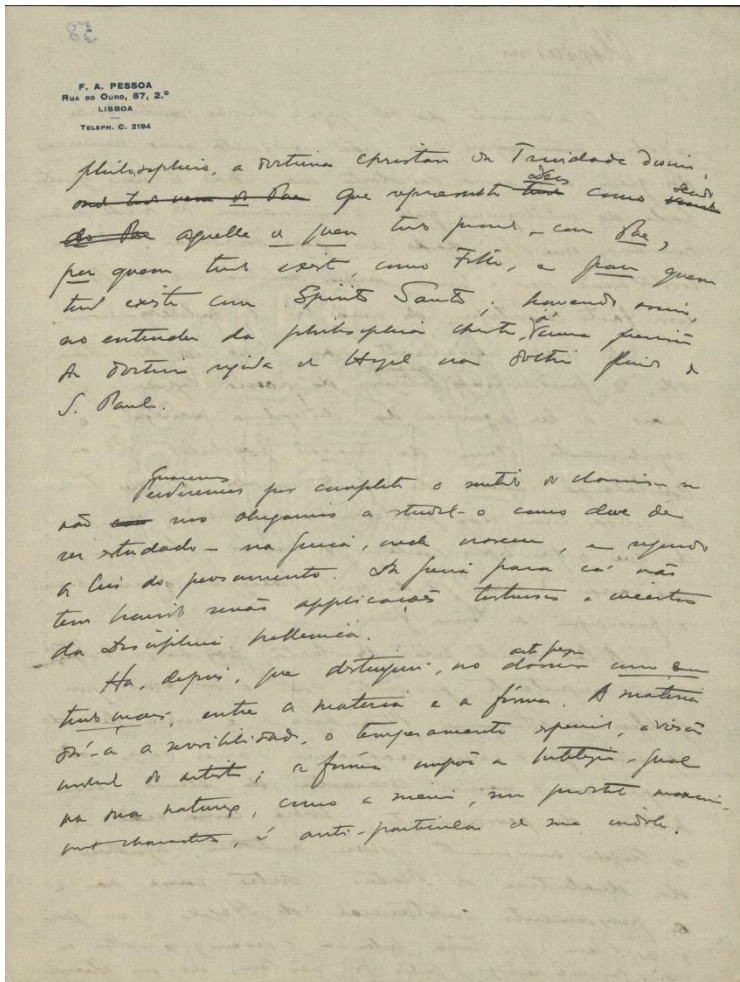


Classicismo.

O movimento da ode grega - strophe, antistrophe, épodo -, não ~~requer~~ ^{representa} uma invenção dos gregos, mas uma descoberta sua. Não é um postulado da intelligencia grega; é um axioma da intelligencia humana, que aos gregos foi dado encontrar ^{/que encontrassem\}. A sua constatação não é a de uma theoria artistica, é a de um facto scientifico, de uma lei da intelligencia.

Este triplo movimento não é só a lei da ode, o fundamento eterno ^{/perenne\} da poesia lyrica; é, mais, a lei organica da disciplina mental, o regulamento eterno da criação psychica. É a constatação superior do facto simples, de que todas as cousas tem um principio, um meio e um fim, de que o principio contém já em si o fim, e a indicação do meio; e de que o meio é o modo como o principio se torna fim.

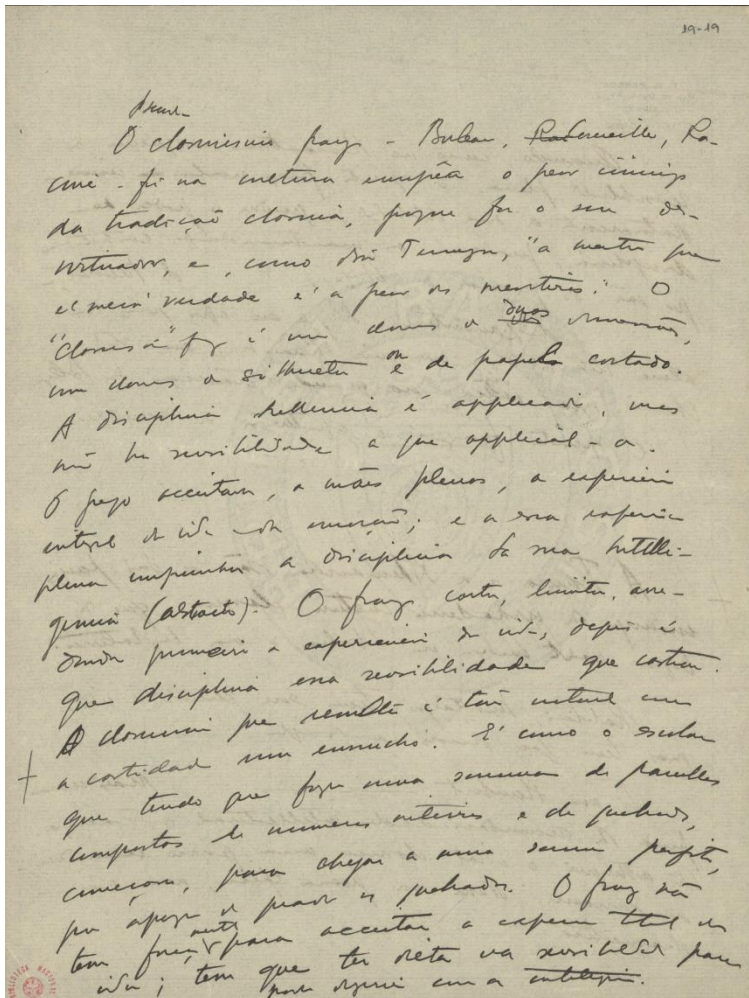
A tal ponto esta descoberta psychologica dos gregos - mais importante, por certo, que a subversão por Galileu da astronomia Ptolemaica - é uma lei do espirito, que a vemos reaparecer varias vezes, ~~na~~ e sempre com o mesmo character de eterna, na historia do pensamento. Outra cousa não é o triplo movimento - these, antithese, synthese - da dialectica de Platão. Outra cousa não é o pensamento substancial de Hegel - em que o ser em si (sein) se torna outro-ser (dasein) e volta a si (für sich sein). Outra base não tem, no seu exterior



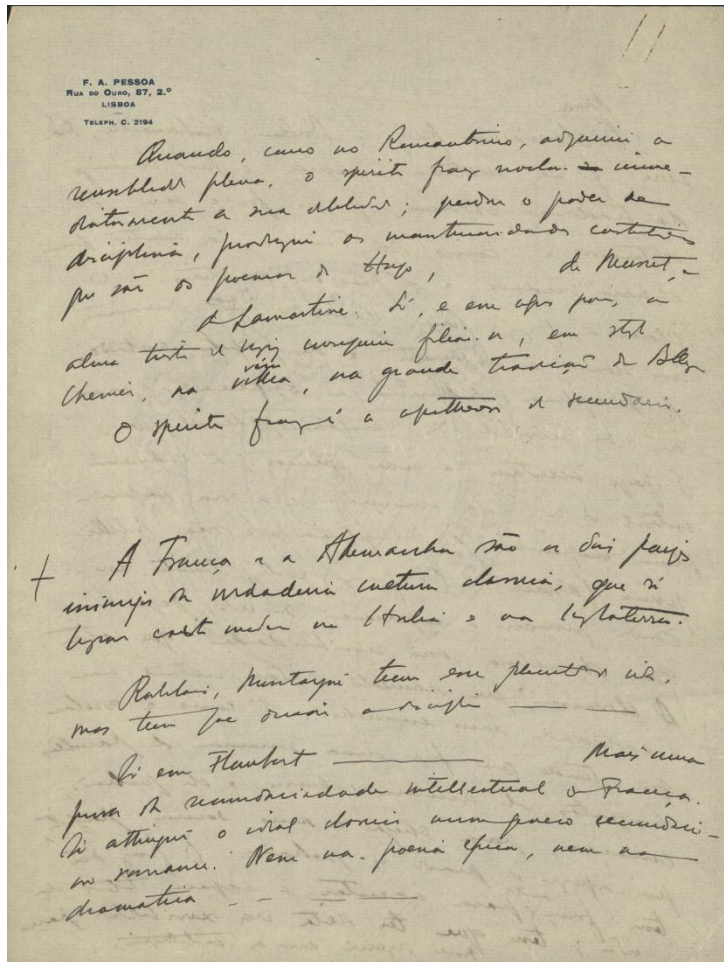
philosophico, a doutrina christã da Trindade divina, ~~onde~~
~~tudo vem do Pae~~ que representa ~~tudo~~ Deus como ~~vindo do Pae~~
sendo aquelle de quem tudo procede, como Pae, por quem
tudo existe, como Filho, e para quem tudo existe como
Spirito Santo; havendo assim, no entender da philosophia
christã, já uma previsão da doutrina rigida de Hegel na
doutrina fluida de S. Paulo.

Perderemos /Curaremos\ por completo o sentido do
classicismo se não nos obrigamos a estudal-o como deve
ser estudado - na Grecia, onde nasceu, e segundo as leis
do pensamento. Da Grecia para cá não tem havido senão
applicações tortuosas e incertas da Disciplina hellenica.

Ha, depois, que distinguir, no classicismo /arte grega\
|como em tudo mais|, entre a materia e a fórma. A materia
dá-a a sensibilidade, o temperamento especial, a visão
individual do artista; a fórma supõe a intelligencia, geral
na sua natureza, como a sciencia, seu producto maximamente
characteristico, é anti-particular de sua indole.



O pseudo-classicismo francez - Boileau, Ræ Corneille, Racine - foi na cultura europêa o peor inimigo da tradição classica, porque foi o seu desvirtuador, e, como disse Tennyson, "a mentira que é meia verdade é a pior das mentiras." O "classicismo" francez é um classicismo de ~~duas~~ duas dimensões, um classicismo de silhueta e /ou\ de papel cortado. A disciplina hellenica é applicada, mas não ha sensibilidade a que applical-a. O grego acceitava, a mãos plenas, a experiencia integral da vida da emoção; e a essa experiencia plena impunha a disciplina da sua intelligencia / (abstracta) \. O francez castra, limita, arredonda primeiro a experiencia da vida, depois é que disciplina essa sensibilidade que castrou. | O classicismo que resulta é tão natural como a castidade num eunuco. | É como o escolar que, tendo que fazer uma somma de parcellas compostas de numeros inteiros e de quebrados, começasse, para chegar a uma somma perfeita, por apagar do quadro os quebrados. O francez não tem força mental para acceitar a experiencia total da vida; tem que ter dieta na sensibilidade para a poder digerir com a intelligencia.



Quando, como no Romantismo, adquiriu a sensibilidade plena, o espirito francez revelou-se imediatamente a sua debilidade; perdeu o poder da disciplina, produziu as monstruosidades constructivas que são os poemas de Hugo, {...} de Musset e {...} de Lamartine. Só, e em alguns poemas, a alma triste de Vigny conseguiu filiar-se, em stylo Chenier, na velha /véra\, na grande tradição da Belleza.

O espirito francez é a apotheose do secundario.

[A França e a Allemanha são os dois paizes inimigos da verdadeira cultura classica, que só logrou existir moderna na Italia e na Inglaterra.

Rabelais, Montaigne teem essa plenitude de vida, mas teem que deixar a disciplina ...

Só em Flaubert {...}. Mais uma prova da secundariedade intellectual da França. Só attingiu o ideal classico num genero secundario - no romance. Nem na poesia epica, nem na dramatica...

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).